



CASA COMUM

Para Sua Santidade o Papa Francisco
Palácio Apostólico
Cidade do Vaticano

Com profundo respeito entregamos em suas mãos a documentação que segue em anexo referente ao Projeto "Pontos de Encontro - cultura a unir os povos". Ante a atual crise civilizatória, sabemos da preocupação e interesse de Vossa Santidade em projetos educacionais que visam colocar o desenvolvimento dos jovens e a transformação comunitária por uma cultura da não-violência, convivência e do encontro, a serviço da construção de um mundo melhor para o bem comum.

Durante o I Seminário Pontos de Encontro - cultura a unir os povos, realizado no âmbito do 4º Congresso Internacional de Scholas Ocurrentes que ocorreu na Vila Pontifícia de Castel Gandolfo nos dias 27 a 29 de junho de 2018, refletimos juntos buscando criar uma proposta de cooperação sintetizada na Carta de Castel Gandolfo, em anexo.

As organizações comunitárias que fazemos parte são de diferentes países e culturas da América Latina, e realizam ações de solidariedade de forma permanente, dando uma resposta concreta à população de nossas localidades. Nossa presença em Castel Gandolfo é resultado de um amplo esforço comunitário, e de uma caminhada que vem de longe, com base nas tradições ancestrais e comunitárias por isso nosso senso de Urgência Histórica, sobretudo nos tempos atuais.

Nesta carta, apresentamos o projeto Pontos de Encontro - cultura a unir os povos, onde as iniciativas de base comunitária, designadas como Pontos de Encontro, proporcionarão atividades formativas de aprendizagem-serviço criativo com e para os Agentes Jovens da Comunidade, serão experiências focadas na arte e cultura, meio ambiente, educação popular, direitos humanos, tecnologia livre e organização cidadã, reunindo a sabedoria ancestral, tradições orais, comunitárias e artísticas nas mais diversas áreas sociais e territoriais. Durante um ano, os Agentes Jovens da Comunidade receberão formação específica e, ao mesmo tempo, aplicarão o que aprenderam em trabalhos para melhorar suas próprias comunidades.

Trabalhamos com o Scholas Ocurrentes para colocar em prática este projeto e conseguirmos os fundos necessários. Consideramos muito importante o apoio de Vossa Santidade.

Um abraço fraterno



CASA COMUM

CARTA DE CASTEL GANDOLFO CULTURA A UNIR OS POVOS

No I Seminário Pontos de Encontro - cultura a unir os povos, realizado durante o 4º Congresso Internacional de Scholas Occurrentes, na Vila Pontifícia de Castel Gandolfo / Itália, nos dias 27 a 29 de junho de 2018 os participantes reconhecem que a cultura une, que a cultura é encontro, que a cultura é inclusão, que a cultura é transformação, e que a cultura é estruturante para a educação.

Somos integrantes de movimentos culturais de toda a América Latina. *Caravaneros* pelo Sagrado Feminino e os Direitos da *Mãe Terra*, vindos do México e do Equador; artistas das Terras Maia, vindos da Guatemala, para demonstrar que a arte, o *Juego* e o lúdico aliados à educação podem mudar um país; somos testemunhas de o quanto a organização cidadã, a arte e os livros podem vencer a violência, viemos de Medellín - Colômbia para demonstrar que a Cultura pode e a cultura vence o medo de mudar. Somos Quixotes, dos desertos e das periferias do Peru, e seguimos os ensinamentos de nosso cavaleiro andante, Dom *Quixote* de la Mancha, sabendo que, “quando sonha sozinho é apenas um sonho, e quando sonha junto é o começo da realidade”. Somos povo que faz cultura em Rivadavia, e em todas as províncias de Buenos Aires, de La Pampa, Argentina, somos canto de *La Comunitaria*, que vizinhas e vizinhos fazem na comunidade, nos pampas, nas montanhas, nas florestas, nas vilas, favelas e bairros, nas ruas das pequenas e grandes cidades, lugares mágicos e encantadores de onde nos abraçamos com *Objetos Blandos*, os sentidos mais profundos do corpo, pela arte, seja em Mendoza, aos pés dos Andes ou em qualquer outro rincão do mundo, somos música em *Chascomús*; somos *Griôs*, avós e avôs, mestres da cultura popular e da sabedoria ancestral, da Chapada Diamantina e várias comunidades negras, indígenas e comunidades tradicionais do Brasil e da América Latina, e estamos vivos; somos artistas nas palafitas do porto de *Santos*; somos o *Sol* para iluminar as periferias de São Paulo, Sudeste do Brasil; somos também as danças e canções de *Lampião* para iluminar o *Sertão* e Caatinga; viemos dos *Canaviais*, das praias de Pernambuco, no Nordeste brasileiro, viemos da mata atlântica; Somos



CASA COMUM

uma arte que inclui todas as pessoas com condições físicas ou intelectuais especiais, somos a *Alana*. Somos instituições que promovem o direito e o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Somos instituições sem fins lucrativos que atuam pelo direito à cidade, por uma cultura de paz. Somos uma cultura sustentável, estamos em união global para aspirar um amor tecido com espiritualidade, onde todas as pessoas podem celebrar e viver a fraternidade e a sacralidade da vida; somos seres bioculturais, somos a consciência *Pachamama*, somos *Relacionais*, somos a *Casa Comum* e somos muitos mais daqueles que não puderam estar aqui. Nós viemos de longe, quase do fim do mundo, e estamos muito próximos um do outro, não importa a distância.

Estamos aqui, estamos reunidos em Castel Gandolfo, no Seminário Pontos de Encontro, junto ao Congresso Cátedras Scholas, do Programa Pontifício *Scholas Occurrentes*, para reafirmar que o caminho para a humanidade é o encontro, as ligações culturais, e que a Cultura nos transforma em seres de dignidade. Nosso sonho é uma educação afetiva e cultural para as novas gerações, a pedagogia griô, a pedagogia da harmonia, a pedagogia da virtude, a pedagogia pachamama.

Nós viemos demonstrar que *Crear Vale a Pena* e que “*não se pode impedir ao vento*”. Somos filhos da “*experiência, a mãe de todas as ciências*”. Falamos por nós mesmos e também por aqueles que tanto fizeram antes de nós, falamos pelos que virão depois, pelos que não estão aqui. Falamos por todos esses nós porque somos nós. E cá estamos. Nós seguimos o *Laudato Si*, somos sujeitos de uma mudança, porque o nosso lema mais caro é o direito a vida e o nosso sentimento maior é a liberdade de criar um mundo onde pertencemos à comunidade da vida e agimos pelo bem comum.

Nos unimos ao pacto educativo, proposto pelo Papa Francisco, porque, como ele diz: “*a educação não é saber coisas, e sim ser capaz de usar as três linguagens, a das mãos, a do coração e a da cabeça*”. Educar é incluir. A nossa linguagem é a do cultivo da vida, do cultivo das pessoas, grupos e sociedades; através dessa nossa



CASA COMUM

linguagem, nos colocamos na busca por sentidos e significados, colocando as mãos e os pés no barro, preparando gente, como *Artesãos* e ceramistas do nordeste brasileiro, semeando, acompanhando, protegendo e colhendo, para depois fazermos tudo novamente. Por isso, combinamos tempo e espaço, memória e território, identidade, ética, estética e alteridade, pois a cultura só floresce na partilha do comum. E com arte. E com todas as poéticas da existência. Em relação direta com o ambiente, arte e vida se fundem e se confundem. Aprendemos com os povos ancestrais que Arte é a própria vida e que é exercida no “ser” comunitário. A arte e cidadania como *Ponto de Encontro* entre mundos, de aproximação entre tangível e o intangível, de sensações distantes para próximas, da não experiência para a experiência, sedimentando a dimensão do coletivo e valorizando todas as potências do indivíduo, criando uma linguagem a expressar poeticamente o contexto da vida. De onde viemos, procuramos distribuir conhecimentos e sensações de toda ordem, provocando experiências visuais, auditivas, táteis, sensoriais e reflexivas. Interagindo com o profundo, o inusitado e o belo, buscamos promover mudanças estruturais na forma de ser, pensar, agir e sentir, pois *Sentio Ergo Sum*, sinto logo existo, este o novo paradigma dos tempos que já iniciamos. E assim enfrentamos as duras realidades em nossas comunidades e buscamos superá-las. A ciência integrada à arte, mitologia e histórias de vida dos indivíduos e grupos de identidade excluídos, de frente para a pobreza e as estruturas violentas do colonialismo, do patriarcado e racismo, podem problematizar a sua realidade e gerar conscientização da comunidade para construção de projetos de civilização para a paz.

Neste caso, o nosso desafio é apresentar propostas e formas de organização que possibilitem que cada pessoa descubra o poder e a potência que ela tem sobre si mesma e as forças da sua comunidade e, com isso, sentindo-se segura de si, possa compreender aos demais seres, humanos e inumanos, passando a conviver com eles, sem medo, em confiança, aliança e harmonia. Queremos a inteireza, a unidade entre ética, estética, economia, ecologia e educação. Para nós, essa é a forma de unir as linguagens das mãos, do coração e mente. Por isso que reconhecemos na Pachamama,



CASA COMUM

na Mãe Terra, não mais um cesto de recursos a serem explorados, mas um ser vivo a ser cuidado e respeitado em sua dignidade própria, um sujeito de direitos. Um sujeito com direitos sobretudo à vida. No lugar do “Des-envolver”, do separar, do segregar, queremos o Re-envolver, unir o sensível com o inteligível, religar, harmonizar.

Reencantar para Conviver. Conviver na articulação política da vida, em interdependência com a natureza, em práticas sustentáveis e equilibradas. Em nossas práticas, elas se expressam em espaços comuns de socialização e grupos emocionais, culturais e artísticas, com criadores que fazem do reencantamento a alegria de viver. Estes são os nossos Pontos de Encontro, que pretendemos espriar em abundância, para que aconteçam em tudo e para todos. Que possam constituir-se em celeiro de valores, resistência, também reexistência, sonhos e realizações concretas.

Ao adentrar na *Ecoaldeia de Huehucóytl* em Tepoztlán, no deserto do estado de Morelos, México, o visitante encontra a seguinte frase: “*sempre se diz que o tempo muda as coisas, mas, em realidade, você é que tem que mudá-las*”. É como dizem os mestres da paz, nós somos a mudança que queremos ver no mundo. Queremos uma mudança, com os jovens, pelos jovens, para os jovens e para o mundo. Uma mudança de civilização. Não queremos mais o mundo que aí está. É chegado o momento de, em todo o mundo, os jovens receberem uma formação cidadã, comunitária, ampla e continuada, realizada em ambientes de afeto e criatividade.

Nossa Proposta

Um Ponto de Encontro pode ser qualquer organização comunitária, que atue nos campos da cultura e da arte, da educação popular, letras e palavras, memórias e patrimônio, ciência, tecnologia e filosofia, mídia livre e compartilhada, eventos festivos, o diálogo intercultural, dos esportes e da recreação, do lúdico, da organização cidadã, meio ambiente, das energias renováveis e distribuídas, da economia popular e solidária, da reciprocidade, da dádiva e do cuidado, e na poesia da vida; no que for, o



CASA COMUM

que importa é que sejam realizados em ambientes de acolhimento e com forte vínculo comunitário. Espaços de encantamento, experiência, diálogo, produção, compartilhamento de conhecimento, espaços de equidade de paz, nas relações de gênero e étnicas. Estes são os novos cenários que desejamos oferecer ao mundo no século XXI. Pontos de Encontro como lugares de convivência e da cultura de paz, vida e harmonia. Em torno desses Pontos, a formação cidadã dos Jovens. No lugar de soldados a serem treinados para a guerra, a formação de Agentes Jovens da Comunidade, que devem ter os valores da paz em sua experiência de mudar os contextos em que vivem. Uma ideia simples e de baixo custo unitário, e que pode ser executada já, e em todo o mundo. Que comece um por um, cidade a cidade, em estados, províncias ou departamentos, país por país, continente a continente, mas comece já.

O mundo não tem mais tempo a perder e a alegria não pode esperar. Acabar com o horror, o medo e a infelicidade, queremos um mundo bom, justo e pacífico! Um mundo cheio dos sentidos de viver e de viver juntos, de bem viver.

Em torno de cada Ponto de Encontro propomos oferecer uma atividade formativa, em serviço-aprendizagem, para uma média de 50 jovens, entre 16 e 24 anos, podendo variar de acordo com a realidade de cada localidade. Durante um ano esses jovens receberão uma bolsa, com um valor médio de US\$ 150/mês, como um soldo que corresponde ao de um recruta militar, só que agora para a paz. Com isso os jovens teriam 20 horas de atividades semanais; 10 horas em formação específica dependendo da atividade do Ponto, e não para o mercado de trabalho, mas sim para a formação cidadã e comunitária, e outras 10 horas para realizar ações comunitárias nos locais em que vivem. E no ano seguinte, novos jovens em formação, e assim prosseguindo no cultivo cidadão a cada novo ano.

De acordo com a experiência do programa Pontos de Cultura no Brasil, sabemos que é possível, ao investimento anual de US\$ 40 mil por Ponto, oferecer formação e acompanhamento para 50 Agentes Jovens da Comunidade, cujo valor anual da bolsa seria de US\$ 1.800. No total, US\$ 130 mil por ano (US\$ 40 mil por



CASA COMUM

Ponto e 90 mil em bolsas para 50 jovens). O efeito e o impacto nas comunidades é incalculável, isso porque não há nada mais potente e sustentável que o investimento em pessoas, em cidadania, educação e cultura.

A quem imagina que realizar essa experiência em grande escala pode representar um alto custo, dizemos que não. E fazemos uma comparação. Em 2014, o orçamento militar de todos os países somou US\$ 1,8 trilhão; se apenas 1,5% deste orçamento fosse destinado à formação cidadã em Pontos de Encontro e para Agentes Jovens da Comunidade, seria possível assegurar o funcionamento permanente de 200 mil Pontos de Encontro pelo mundo, formando 10 milhões de Agentes Jovens da Comunidade, a um custo anual de 26 bilhões de dólares. Imagine que esse processo continue por 20 anos: 200 milhões de Agentes Jovens da Comunidade, pessoas formadas em ambientes de forte vínculo comunitário, de criatividade e respeito ao próximo, atuando diretamente em, e para, suas comunidades. Isso muda o mundo!

O que desejamos é imprescindível, por isso queremos para já. E temos diversas maneiras de alcançar nosso objetivo. Primeiro, a criação de um Fundo Mundial para a Cultura do Encontro, a ser constituído a partir de doações na forma de endowment, ou fundo fiduciário, assegurando a sustentabilidade na aplicação dos recursos. Com o Fundo pretendemos garantir o financiamento direto para entre 50 e 100 Pontos de Encontro e entre 2.500 e 5.000 Agentes Jovens da Comunidade, representando um investimento direto total de, entre, US\$ 6,5 milhões a US\$ 13 milhões por ano, a depender do tamanho do endowment. Como ênfase inicial, mas não exclusiva, a América Latina, em função da experiência acumulada, com seleção realizada por chamada pública e critérios previamente definidos, visando assegurar uma participação ampla e diversificada. Com isso, teremos um conjunto de projetos e ações para efeito demonstrativo, permitindo novas pesquisas, sistematizações e acompanhamento. Caberá ao Instituto Casa Comum e ao Scholas Occurrentes a gestão de suas atividades próprias, a seleção e o acompanhamento destes Pontos de Encontro e dos Agentes Jovens da Comunidade, assim como ações de articulação, capacitação e difusão entre os Pontos. Em paralelo, as duas entidades em gestão



CASA COMUM

paritária terão a responsabilidade de sistematizar as experiências, construir indicadores e difundir os resultados, visando amparar campanha mundial para que governos nacionais ou locais implantem esse programa como Política Pública, dando a necessária escala a esta proposta de mudança de paradigma na formação cidadã, com base na criatividade, na cultura do encontro, na paz e na convivência da cultura viva e da harmonia.

Reunidos em Castel Gandolfo, nos colocamos no desafio, para, junto ao programa Scholas Occurrentes, apresentarmos o Fundo Mundial para a Cultura do Encontro, já com recursos que garantam o seu funcionamento, no segundo semestre de 2019. Nossa presença em Castel Gandolfo é resultado de um amplo esforço comunitário, e de uma caminhada que vem de longe, por isso nosso senso de Urgência Histórica, sobretudo nos tempos atuais. Também, com base nas tradições ancestrais e comunitárias, entendemos que a apresentação do Fundo deve ser considerada como uma colheita de um longo cultivo amoroso e comunitário. Acompanhada por festa e celebração. Celebração da vida e desta nova consciência emergente em nossas experiências que não aceitam mais viver o sistema de dominação que nos foi imposto pela racionalidade cognitiva e econômica do mundo contemporâneo.

Para tanto, pretendemos realizar o Festival das três linguagens: coração, cabeça e mãos, na Praça de São Pedro, na Cidade do Vaticano, no segundo semestre de 2019, para apresentação do Fundo e o início da campanha mundial. Um festival de reflexão, organização e encantamento. Um festival em que as experiências criativas e comunitárias do mundo se encontrem em círculo, em igualdade, e interajam. Um Festival que também ofereça ao mundo uma Sinfonia, a Sinfonia do Encontro, a ser executada por orquestra composta por músicos das mais diversas origens e formações, de eruditos, que se apresentam em casas de concerto e também nas ruas, como músicos refugiados a se espalharem pelo mundo. Um Festival do Encontro, a juntar agentes comunitários, criadores, Griôs, mestres da sabedoria ancestral, artistas, jovens, empresas e fundações que venham a patrocinar o Fundo, pessoas de referência nos campos da ciência, das artes, dos esportes, da filosofia, da política e



CASA COMUM

das religiões. Um festival que seja transmitido para todo o mundo, como se fosse uma Copa do Mundo ou Olimpíada. Um festival a unir coração, cabeça e mãos, em um **sentirpensaragir**.

Uma voz com várias vozes, vários mundos de várias cores, uma diversidade viva que componha um mundo diferente, que compreenda a música que o mundo clama, que reavive a chama de cada coração, da comunidade da vida, com o reconhecimento de que não estamos sós no mundo, mas convivemos também com outras espécies e estamos sintonizados a uma totalidade maior da qual fazemos parte. Lembrando os Kaxinawá, comunidade indígena do Acre, norte do Brasil, que, para se referirem àqueles que consideram irmãos, ainda mais que amigos, usam a palavra Txai, que quer dizer: “metade de mim em você, metade de você em mim”. É assim que nos sentimos nesse momento.

Pela cultura do encontro, pela paz, pela harmonia, pela pachamama, pelo respeito, pelo cuidado, pela diversidade, pela identidade e ancestralidade de todos os povos, por nossa Mãe Terra e pelo futuro, CHAMAMOS AO MUNDO abraçar esta aposta da VIDA!